

MARY BALOGH



CLUBE DOS SOBREVIVENTES - 1

UMA PROPOSTA
& nada mais





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

PRÓLOGO

O CLUBE DOS SOBREVIVENTES



O tempo bem que poderia estar melhor. Nuvens pesadas atravessavam o céu, empurradas por um vento forte, e a chuva que ameaçara cair o dia inteiro finalmente havia começado a desabar. O mar estava escuro e agitado. Uma umidade gelada invadia a carruagem, e seu único passageiro ficou grato por estar usando um sobretudo grosso.

O clima não o desanimava, embora preferisse viajar com sol. Estava a caminho da Cornualha. Ia a Penderris Hall, a casa de campo de George Crabbe, duque de Stanbrook. Sua Graça era uma das seis pessoas que ele mais amava no mundo, algo até estranho de admitir. Afinal, cinco delas eram homens. Eram as seis pessoas em quem ele mais confiava no mundo. Não havia nada de impessoal em sua relação com esses amigos.

Todos passariam as três semanas seguintes juntos em Penderris. Uma parte do grupo era formada por sobreviventes das Guerras Napoleônicas, cinco ex-oficiais militares feridos em combate e enviados de volta para a Inglaterra para se recuperarem. Havia chamado a atenção do duque de Stanbrook, que os levava a Penderris Hall para receberem tratamento, repousarem e se restabelecerem. O duque já não tinha idade para ir à guerra, mas perdera o filho na península Ibérica nos primeiros anos da campanha na região. O sétimo integrante do clube era a viúva de um oficial capturado pelo inimigo e que morrera sob tortura, parte dela realizada em sua presença. O duque era primo distante dela e a acolhera depois de seu retorno à Inglaterra.

Aqueles sete tinham estabelecido um laço muito forte durante o longo período de tratamento e recuperação. E como todos carregariam marcas da guerra para sempre, haviam combinado que, depois que retomassem as

próprias vidas longe da segurança de Penderris, passariam algumas semanas por ano lá, para renovar a amizade, conversar e apoiar-se mutuamente em qualquer dificuldade que surgisse.

Eram sobreviventes e tinham força para levar a vida adiante. Contudo, de uma forma ou de outra, também carregavam cicatrizes. Entre eles, não precisavam esconder isso.

Certa vez um deles chamara o grupo de Clube dos Sobreviventes, e o nome ficara, pelo menos entre eles.

Hugo Emes, lorde Trentham, esforçou-se para espiar o lado de fora, apesar da chuva que golpeava a janela da carruagem. Conseguiu distinguir o contorno dos grandes penhascos não muito longe dali e o mar atrás deles, uma linha cinzenta salpicada de espuma mais escura que o céu. Já se encontrava nas terras de Penderris. Chegaria à casa em alguns minutos.

Deixar aquele lugar três anos antes tinha sido uma das coisas mais difíceis que qualquer um deles já fizera. Hugo teria ficado feliz em passar o resto da vida ali. Mas, claro, nada na vida dura para sempre, e chegara a hora de partir.

E agora era hora de outra mudança...

Mas ele ainda não queria pensar nesse assunto.

Aquele era o terceiro reencontro do grupo. No ano anterior, Hugo não pudera comparecer, de modo que fazia dois anos que não via os amigos.

A carruagem parou de súbito diante dos degraus que conduziam às imensas portas de Penderris Hall e estremeceu por alguns momentos. Hugo imaginou se algum dos outros já teria chegado. Sentia-se ansioso, e pensou, com certo desgosto, que o frio na barriga o fazia parecer uma criança que ia para uma festa.

As portas da casa se abriram e o duque em pessoa apareceu. Ele ignorou a chuva e desceu os degraus, chegando enquanto o cocheiro abria a porta da carruagem e Hugo saltava, sem esperar que a escada fosse baixada.

– George – falou.

Hugo não era o tipo de homem que costumava abraçar outras pessoas, nem mesmo tocá-las sem um bom motivo, contudo bem que poderia ter partido dele o abraço apertado que trocou com o amigo.

– Minha nossa – disse o duque, soltando-o depois de alguns segundos e dando um passo para trás para ver melhor o amigo. – Você não mudou

nada nesses dois anos, não é, Hugo? Nem em altura nem em largura. É um dos poucos homens que fazem com que eu me sinta pequeno. Vamos sair da chuva e ir lá para dentro, e então vou examinar minhas costelas e ver quantas você quebrou.

Hugo não fora o primeiro a chegar, como pôde perceber assim que entrou no saguão. Flavian Artnott, visconde Ponsonby, o aguardava para cumprimentá-lo. E Ralph também estava lá – Ralph Stockwood, conde de Berwick.

– Hugo – chamou Flavian, levando ao olho um monóculo e simulando um langor entediado. – Seu urso g-grande e feioso. É surpreendentemente b-bom vê-lo.

– Flavian, seu garoto bonito e magrelo – respondeu Hugo, seguindo na direção dele com as botas ecoando ao tocar o chão de ladrilhos. – É bom vê-lo, e isso não me surpreende.

Os dois se abraçaram e trocaram tapinhas nas costas.

– Hugo, parece que foi ontem que o vimos – comentou Ralph. – Você não mudou nada. Até o cabelo ainda o faz lembrar uma ovelha tosquiada.

– E essa cicatriz em seu rosto ainda o faz parecer assustador, alguém com quem eu não gostaria de encontrar num beco escuro – retorquiu Hugo, enquanto os dois se aproximavam para um abraço. – Os outros não chegaram?

Ainda pronunciava essas palavras quando um movimento por trás do ombro de Ralph o fez perceber que Imogen Hayes, lady Barclay, descia a escada.

– Hugo – disse ela, correndo para ele de braços abertos. – Ah, Hugo.

Era alta, esguia e graciosa. O cabelo louro-escuro estava arrumado num coque baixo, um estilo sóbrio que ressaltava a beleza das feições alongadas e de traços nórdicos, com maçãs do rosto salientes, boca generosa e grandes olhos azul-esverdeados. O enteadado também acentuava a impassibilidade daquele rosto, que parecia ter sido talhado em mármore. *Aquilo* também não se alterara nos últimos dois anos.

– Imogen.

Ele apertou as mãos da amiga e lhe deu um abraço forte. Sentiu seu perfume familiar. Deu-lhe um beijo no rosto e a encarou.

Ela ergueu uma das mãos e, com a ponta do indicador, traçou uma linha entre as sobrancelhas dele.

– Ainda franze a testa – observou ela.

– Ele ainda fica *carrancudo* – corrigiu Ralph. – Mas sentimos muito a sua falta no ano passado, Hugo. Flavian não tinha ninguém para chamar de feio. Tentou comigo uma vez, mas eu o persuadi a não repetir o atrevimento.

– Ele me a-assustou de verdade, Hugo – contou Flavian. – Desejei que estivesse aqui para eu me e-esconder atrás de você. Tive que me proteger atrás de Imogen.

– Respondendo à sua pergunta anterior, Hugo – disse o duque, pondo a mão em seu ombro –, na verdade você é o último a chegar, e estávamos muito impacientes. Ben queria ter vindo recebê-lo, mas levaria muito tempo para descer a escada e ter que subi-la em seguida. Vincent ficou no salão fazendo-lhe companhia. Vamos para cima. Você pode se instalar no quarto mais tarde.

– Pedi uma bandeja com chá assim que Vincent ouviu o barulho da sua carruagem – falou Imogen –, mas sem dúvida vou ser a única a beber. É o que ganho por me juntar a um bando de bárbaros.

– Na verdade – disse Hugo –, uma xícara de chá quente parece perfeito, Imogen. E espero que faça bom tempo amanhã e nas próximas semanas, George.

– Ainda estamos em março – ressaltou o duque enquanto subiam os degraus. – Mas se insiste, Hugo, certamente o sol aparecerá durante o resto de sua estada. Algumas pessoas *aparentam* ser fortes, mas na verdade não passam de plantinhas de estufa.

Quando entraram no salão, lá estava sir Benedict Harper, de pé. Sustentava-se nas muletas, embora não apoiasse todo o peso nelas. Ele caminhou até Hugo. Aquilo calaria a boca dos especialistas que o chamaram de tolo por se recusar a amputar as pernas, esmagadas pelo próprio cavalo, que tombara com um tiro. Ele havia jurado que voltaria a caminhar, e era exatamente isso que fazia, ainda que com dificuldade.

– Hugo – chamou ele. – Você é uma alegria para os meus olhos cansados. Dobrou de tamanho ou é efeito do sobretudo?

– Ele é a *causa* de olhos cansados, com certeza – zombou Flavian com um suspiro. – E ninguém avisou a Hugo que os sobretudos grossos foram feitos para beneficiar aqueles que têm ombros menos avantajados.

– Ben, você está de pé? – perguntou Hugo, surpreso, abraçando-o com cuidado. – Deve ser um dos homens mais teimosos que conheço.

– Acredito que você poderia ser um sério concorrente a esse título – ressaltou Ben.

Hugo se voltou para o sétimo integrante do Clube dos Sobreviventes, o caçula. Estava de pé próximo à janela, os cachos alourados compridos e rebeldes como sempre, sorrindo com uma expressão franca e bem-humorada, quase angelical.

– Vince – disse Hugo, atravessando o cômodo.

Vincent Hunt, lorde Darleigh, o encarou com os grandes olhos azuis de que Hugo se lembrava tão bem. Aqueles olhos eram feitos para derreter o coração das damas, como Flavian os descrevera certa vez, tentando arrancar uma risada do garoto. Hugo sempre achara o olhar dele um pouco desconcertante.

Porque Vincent era cego.

– Hugo – disse ele, já sendo abraçado. – Como é bom ouvir sua voz. E tê-lo conosco de novo. Se estivesse aqui no ano passado, não permitiria que todos fizessem piada da minha habilidade com o violino, não é? Todos exceto Imogen, digo.

Ouviu-se um burburinho atrás deles.

– Você toca violino? – perguntou Hugo.

– Toco. E com certeza você não permitiria que eu fosse ridicularizado – respondeu Vincent com um sorriso inseguro. – Dizem que você tem a aparência de um guerreiro grande e feroz, Hugo. Se isso é verdade, então você é uma fraude, pois sempre consigo perceber a gentileza por trás da brusquidão na sua voz. Vai me ouvir tocar este ano e não vai rir.

– Talvez ele chore, Vince – zombou Ralph.

– Costumo provocar esse efeito na plateia – retrucou Vince, rindo.

Hugo retirou o sobretudo e o jogou nas costas de uma cadeira, depois foi sentar com os outros. Beberam chá, embora o duque houvesse oferecido também algo mais forte.

– Lamentamos muito não vê-lo no ano passado, Hugo – contou ele, depois de conversarem por algum tempo. – Lamentamos ainda mais pelo motivo de sua ausência.

– Estava pronto para vir quando recebi a notícia do ataque cardíaco de meu pai – contou Hugo. – Como minha bagagem já estava pronta para viajar, cheguei pouco antes que falecesse. Consegui até falar com ele. Devia ter feito isso antes. Não precisávamos ter nos afastado tanto, ainda que

ele tenha se decepcionado quando insisti que me conseguisse um posto no Exército. Meu pai esperava que eu seguisse seus passos no negócio da família. Mas me amou até o fim, sabem? Sempre serei grato por ter chegado a tempo de lhe dizer que também o amava, embora talvez parecessem palavras vazias.

Imogen, sentada ao lado dele num amplo sofá, deu tapinhas carinhosos na sua mão.

– Ele compreendeu – garantiu ela. – As pessoas *compreendem* a linguagem do coração, mesmo que a cabeça nem sempre consiga.

Todos olharam para ela em silêncio por um momento.

– Ele deixou uma pequena fortuna para Fiona, minha madrastra – disse Hugo. – E um bom dote para Constance, minha meia-irmã. Mas me legou a maior parte dos negócios e de seu império. Sou dono de uma riqueza indecente.

Ele franziu a testa. A riqueza às vezes parecia uma espécie de peso. Contudo, as obrigações que a acompanhavam eram ainda piores.

– Pobre Hugo! – disse Flavian, retirando um lenço de linho do bolso e enxugando os olhos. – Meu coração está despedaçado.

– Ele tinha esperança de que eu assumisse os negócios. Não me exigia isso – ressaltou Hugo. – Apenas *esperava* que eu quisesse. Mesmo à beira da morte, o rosto dele reluzia diante dessa perspectiva. Dizia que gostaria que eu deixasse tudo para o meu filho, quando chegasse a hora.

Imogen voltou a dar tapinhas na sua mão e lhe serviu mais uma xícara de chá.

– A questão é que tenho sido feliz levando uma vida tranquila no campo – prosseguiu Hugo. – Fui feliz no chalé durante dois anos e, no último, em Crosslands Park; embora, é claro, tenha sido uma felicidade proporcionada pela minha riqueza recente. Dei uma desculpa para a procrastinação dizendo a mim mesmo que seria um ano de luto e que pareceria inadequado agir de pronto, como se eu só quisesse a fortuna dele. Mas amanhã é o aniversário da morte do meu pai. Não tenho mais desculpas.

– Sempre lhe dissemos que ficar recluso não é da sua natureza, Hugo – observou Vincent.

– Para ser mais exato, Hugo, sempre o comparamos a um rojão que ainda não explodiu – corrigiu Ben. – Só à espera de uma fagulha.

Hugo suspirou.

– Gosto da minha vida do jeito que é.

– Então o fato de ter recebido um título de nobreza como prêmio por sua bravura não significa nada? – perguntou Ralph. – Está planejando retornar às suas raízes de classe média?

Hugo franziu o cenho.

– Nunca as abandonei – garantiu. – Jamais quis pertencer às classes superiores. Eu as desprezava, assim como meu pai... exceto por vocês. Comprar Crosslands pode parecer um pouco pretensioso, mas eu queria um espaço para ficar em paz. Só isso.

– E esse espaço sempre estará lá à sua espera – disse o duque. – Será um retiro tranquilo quando a pressão dos negócios abater seu ânimo.

– É a parte que diz respeito ao *filho* que abate meu ânimo agora – contou Hugo. – Teria que ser legítimo, não é? Eu precisaria de uma *esposa*. É o que vou enfrentar quando sair daqui. Está decidido: preciso encontrar uma esposa. Não consigo nem imaginar! Perdão, Imogen. Não tenho nada contra as mulheres. Só não quero ter uma todos os dias na minha vida. Ou na minha casa.

– Então não está à procura de romance nem de amor, Hugo? – perguntou Flavian. – É muito sábio de sua parte. O amor é o d-diabo encarnado e deve ser evitado como a peste.

Flavian era comprometido ao partir para a guerra, porém a noiva rompera o relacionamento quando ele retornara, por ser incapaz de lidar com suas feridas. Dois meses depois, casara-se com o melhor amigo de Flavian.

– Tem alguém em mente, Hugo? – perguntou o duque.

– Na verdade, não.

Hugo suspirou mais uma vez.

– Tenho um exército de primas e tias que ficariam encantadas em me apresentar um rol de possibilidades se eu mencionasse o assunto, apesar de vergonhosamente tê-las deixado de lado durante anos. Mas eu me sentiria sem controle da situação. Detestaria isso. Na verdade, esperava que algum de vocês pudesse me dar conselhos sobre como encontrar uma esposa.

Todos ficaram em silêncio.

– Na verdade, é bem simples, Hugo – respondeu Ralph, por fim. – Aproxime-se da primeira mulher razoavelmente bem-apegoada que encontrar, diga-lhe que é um lorde e que ainda por cima é dono de uma riqueza in-

decente. Em seguida, pergunte se ela gostaria de se casar com você. Então, relaxe e observe-a engasgar diante da ansiedade de aceitar o pedido.

Os outros riram.

– Fácil assim, é? – disse Hugo. – Que alívio! Vou até a praia amanhã, se o tempo permitir, esperar que algumas mulheres razoavelmente bem-apegoadas passem por lá. O problema estará resolvido antes que eu vá embora de Penderris.

– Ah, *mulheres* não, Hugo – retrucou Ben. – Não no *plural*. Assim elas vão brigar por sua causa... e há muito por que brigar, mesmo tirando o título e a riqueza. Vá à praia e encontre *uma* mulher. Vamos facilitar a sua vida e nos manter longe de lá o dia todo. Para mim, é claro, será simples, pois não tenho pernas decentes que me levem até lá.

– Agora que seu futuro já foi acertado, Hugo – disse o duque, levantando-se –, vamos deixar que vá até seu quarto para se instalar, trocar de roupa e talvez descansar um pouco para o jantar. No entanto, discutiremos o assunto com mais seriedade nos próximos dias. Talvez possamos dar algumas sugestões úteis. Por enquanto, permita-me dizer como é esplêndido ter o Clube dos Sobreviventes completo este ano. Esperei muito por este momento.

Hugo recolheu o sobretudo e deixou a sala com o duque. Era reconfortante e um verdadeiro prazer estar de novo em Penderris na companhia das seis pessoas mais importantes de sua vida.

O barulho da chuva nas vidraças aumentava a sensação de aconchego.

CAPÍTULO 1



Gwendoline Grayson, lady Muir, encolheu os ombros e ajustou a capa em volta do corpo. Aquele dia frio e tempestuoso de março estava ainda mais gelado no ancoradouro dos barcos de pesca, aos pés do vilarejo onde estava hospedada. Com a maré baixa, diversas embarcações jaziam inclinadas sobre a areia úmida, à espera da água que as fizesse flutuar.

Gwendoline deveria voltar. Saíra fazia mais de uma hora e parte dela ansiava pelo calor de uma lareira e o conforto de uma xícara de chá bem quente. Infelizmente, a residência de Vera Parkinson não era sua casa. Era apenas o lugar onde passaria um mês. E ela e Vera haviam acabado de brigar – ou pelo menos Vera brigara com ela, o que a deixara transtornada. Ainda não se sentia pronta para voltar. Preferia enfrentar o mau tempo.

Não podia seguir para a esquerda, pois um promontório impedia a passagem. À direita, porém, havia uma praia de seixos que se estendia à sombra de grandes penhascos. A maré ainda levaria horas para subir o suficiente e tomar conta da praia.

Apesar de morar perto do mar – na residência da mãe, viúva, em Newbury Abbey, Dorsetshire –, Gwen costumava evitar caminhadas à beira-mar. Considerava as praias excessivamente vastas, os penhascos muito ameaçadores, o mar incontrolável. Preferia mundos mais organizados, com certa aparência de controle, como um jardim com flores cultivadas, por exemplo.

Naquele dia, entretanto, sentia a necessidade de ficar longe de Vera por mais algum tempo, bem como do vilarejo e das trilhas campestres onde poderia esbarrar com os vizinhos da amiga e ser obrigada a interagir com eles. Precisava ficar sozinha, e a praia de seixos estava deserta até onde

ela conseguia avistar, um ponto que fazia uma curva. Seguiu naquela direção.

Depois de percorrer uma curta distância, logo percebeu por que ninguém caminhava por ali. Embora os seixos em geral fossem antigos e a passagem do tempo os tivesse deixado arredondados e lisos, havia um número significativo que era mais recente, pedras maiores, mais ásperas e pontiagudas. Caminhar naquele terreno não era fácil – não seria mesmo que suas duas pernas fossem saudáveis, e a direita nunca se recuperara por completo de uma fratura ocorrida oito anos antes, quando ela caíra do cavalo. Gwen mancava inclusive quando o chão era plano.

Entretanto, não voltou. Mesmo com dificuldade, continuou a caminhar obstinada, tomando cuidado a cada passo. Afinal de contas, não tinha pressa de chegar a lugar nenhum.

Aquele havia sido o pior dia de uma quinzena já horrível. Tinha sido por impulso que Gwen fora passar um mês ali, depois que Vera lhe escrevera para dar a triste notícia do falecimento do marido, poucos meses antes, vítima de uma enfermidade que se arrastara por anos. Vera se queixava de que nenhum parente do Sr. Parkinson nem dela dera atenção a seu sofrimento, embora ela estivesse quase prostrada de tristeza e exaustão após tanto tempo cuidando do marido. Sentia tanto a falta dele... Gwen se importaria de lhe fazer uma visita?

Tinham mantido certa amizade por alguns meses durante a agitação da temporada de apresentação das duas à sociedade londrina e, depois de casadas – Vera com o Sr. Parkinson, um dos irmãos mais novos de sir Roger Parkinson, e Gwen com Vernon, visconde Muir –, trocaram algumas correspondências. Vera escrevera uma longa carta de condolências logo após a morte do visconde e convidara Gwen para ficar com ela e o Sr. Parkinson pelo tempo que desejasse, pois era negligenciada por quase todo mundo, inclusive pelo marido, e ficaria feliz em ter companhia. Na ocasião, Gwen recusara o convite. Contudo, mesmo com alguma hesitação, o pedido seguinte fora aceito. Gwen sabia como era a dor, a exaustão e a solidão que se seguiam à morte de um cônjuge.

Lamentara essa decisão quase desde o primeiro dia. Como as cartas indicavam, Vera era reclamona e lamurienta. Embora Gwen tentasse relevar, já que a outra acabara de perder o marido doente, de quem cuidara por muitos anos, logo concluíra que, depois da apresentação das duas à socie-

dade, a amiga se transformara em uma pessoa amarga e desagradável. A maioria dos vizinhos a evitava. As únicas amigas eram senhoras com perfil bem parecido ao dela. Para Gwen, sentar-se junto delas e ouvir a conversa era como ser sugada por um buraco na escuridão, sem ar suficiente para respirar. Aquelas mulheres só enxergavam o que havia de errado em suas vidas e no mundo, nunca viam o lado bom.

E era isso que *ela mesma* estava fazendo naquele momento, ao pensar no grupo, percebeu Gwen. Afastou aqueles pensamentos. A negatividade podia ser assustadoramente contagiosa.

Mesmo antes daquela manhã, ela andara um tanto arrependida por ter se comprometido com uma visita tão longa. Duas semanas teriam sido suficientes, e agora ela estaria voltando para casa. Mas dissera que ficaria um mês, então precisava cumprir com sua palavra. Naquela manhã, porém, sua impassibilidade tinha sido posta à prova.

Recebera uma carta da mãe, com quem morava, e nela constava uma série de episódios divertidos que envolviam Sylvie e Leo, os filhos mais velhos de Neville e Lily. Neville, conde de Kilbourne, era irmão de Gwen e morava na residência principal de Newbury Abbey. Gwen lera esse trecho da carta em voz alta para Vera à mesa, no café da manhã, na esperança de lhe inspirar um sorriso ou um gracejo. Em vez disso, Vera a atacara com um discurso petulante. Em suma, dissera que era muito fácil para Gwen rir e fazer pouco caso do seu sofrimento porque a morte do visconde a deixara numa situação muito confortável e o irmão e a mãe a acolheram de volta no seio da família. Além do mais, os sentimentos de Gwen pelo marido nunca haviam sido assim tão profundos. Era fácil ser fria e cruel, já que se casara por dinheiro e status, não por amor. Todos *sabiam disso*, bem como tinham ciência de que Vera escolhera alguém de uma condição inferior porque ela e o Sr. Parkinson estavam perdidamente apaixonados e nada mais lhes importava.

Depois que a amiga por fim ficara em silêncio (a não ser pelo choro que despejava no lenço), Gwen a fitara sem dizer nada. Não ousara abrir a boca. Poderia não resistir à vontade de dar uma resposta rancorosa e se igualar ao nível de Vera. Não entraria numa discussão tão vil. Mas sentia o corpo vibrar de raiva. E ficara muito magoada. “Vou dar uma caminhada, Vera”, anunciara, levantando-se e arrastando a cadeira para trás. “Quando voltar, pode me dizer se prefere que eu permaneça aqui

por mais duas semanas, como planejado, ou que eu retorne a Newbury imediatamente.”

Seria necessário pegar o coche dos correios ou o transporte público caso ela fosse mesmo embora mais cedo, já que, depois que ela escrevesse ao irmão informando da necessidade de voltar antes do previsto, levaria quase uma semana para que a carruagem de Neville chegasse.

Vera chorara ainda mais e implorara que ela não fosse tão cruel, mas Gwen saíra mesmo assim.

Ficaria muito feliz, pensava naquele momento, se *nunca mais* voltasse à casa de Vera. Que erro terrível tinha sido aquela viagem, e por um mês inteiro, em nome apenas de uma relação tão breve mas antiga.

Acabou contornando o cabo que vira do porto e descobriu que a praia, mais ampla naquele ponto, se estendia até o infinito e que, a uma pequena distância, as pedras davam lugar à areia, terreno bem mais fácil para se caminhar. Entretanto, não deveria ir longe demais. Embora a maré ainda estivesse baixa, começava a subir e podia cobrir certas áreas planas bem mais depressa do que o previsto. Vivera tempo suficiente perto do mar para saber disso. Além do mais, não poderia evitar Vera para sempre – mesmo que desejasse. Precisava voltar em breve.

Perto dali, havia uma ravina nos penhascos e parecia possível escalá-la. Bastava seguir pela subida íngreme pontuada de seixos para alcançar uma colina mais suave coberta por tufo de grama. Se pudesse chegar até lá, conseguiria voltar para o vilarejo pelo alto, em vez de enfrentar de novo aquelas pedras tão traiçoeiras.

A perna fraca doía um pouco, percebeu. Tinha sido tola de se afastar tanto.

Parou por um momento e contemplou a subida da maré, ainda distante. De súbito, foi atingida de forma inesperada não por uma onda do mar, mas por um maremoto de solidão, tão intenso que lhe roubou o fôlego e o desejo de resistir.

Solidão?

Nunca se considerara uma pessoa solitária. Tivera um casamento agitado, mas, depois de vencer a fase mais difícil do luto, ela construía uma vida de paz e contentamento junto da família. Nunca pensara em se casar de novo, embora não fosse descrente em relação ao casamento. O irmão era feliz com a esposa. Lauren – sua prima que era praticamente uma irmã,

pois haviam sido criadas juntas em Newbury Abbey – também era feliz com o marido. Gwen, no entanto, estava satisfeita em permanecer viúva e ser apenas filha, irmã, cunhada, prima e tia. Ainda tinha muitos parentes e amigos. E vivia de forma confortável na casa da mãe, que ficava a pouca distância da residência principal da propriedade, onde também sempre a recebiam de braços abertos. Fazia visitas frequentes a Lauren e Kit, em Hampshire, e, de vez em quando, ao restante da família. Em geral, passava um ou dois meses em Londres, na primavera, para aproveitar a temporada de eventos sociais.

Sempre se considerara uma mulher de sorte.

Então de onde surgira aquela súbita solidão? Aquela onda gigante que fazia seus joelhos tremerem como se houvessem lhe roubado o fôlego. Por que sentia a aspereza das lágrimas presas na garganta?

Solidão?

Não, não era uma pessoa solitária, só estava deprimida por ficar presa naquele lugar com Vera. E magoada diante de tudo o que a outra dissera. Sentia pena de si mesma, era isso. Mas *nunca* sentia pena de si mesma. Bem, quase nunca. E, quando isso acontecia, passava logo. A vida era curta demais para perder tempo com lamentações. Havia sempre muito o que comemorar.

Mas e a *solidão*? Por quanto tempo ficaria à espreita, esperando o momento certo para o ataque? Sua vida era mesmo tão vazia quanto parecia naquele momento? Tão vazia quanto aquela praia vasta e inóspita?

Ah, ela *detestava* praias.

Gwen afastou aquele pensamento. Olhou para o trecho que havia percorrido e então para a praia e para a trilha íngreme entre os penhascos. Que caminho deveria seguir? Hesitou por alguns instantes e se decidiu pela subida. Não parecia tão íngreme a ponto de ser perigosa e, assim que chegasse ao alto, na certa encontraria um caminho seguro para voltar ao vilarejo.

As pedras na encosta não formavam um terreno mais fácil do que na praia. Na verdade, eram mais traiçoeiras, pois rolavam e escorregavam sob seus pés. Na metade do caminho, Gwen desejou ter permanecido na praia, mas descer seria tão difícil quanto continuar a subir. E ela notou que a área coberta por grama não estava tão distante. Seguiu com dificuldade.

Então aconteceu o desastre.

Apoiou o pé direito numa pedra que parecia firme mas que estava solta e deslizou. Gwen caiu de joelho, as mãos no chão. Por uma fração de segundo, ela sentiu apenas o alívio de não ter rolado até a praia. Depois veio a dor aguda e latejante no tornozelo.

Com cautela, apoiou o peso do corpo no pé esquerdo e depois tentou usar o direito. No entanto, foi tomada pela agonia assim que fez a menor força. O pé direito doía até quando ela não se apoiava nele. Arfou de dor e girou o corpo com cuidado para se sentar nas pedras. Olhou para a praia lá embaixo. A encosta parecia bem mais íngreme. Ah, tinha sido muito tola em tentar aquela subida.

Puxou os joelhos, fincou o pé esquerdo no chão e apalpou o tornozelo direito. Tentou rodar o pé devagar, a testa encostada no joelho. Era uma distensão passageira, garantiu a si mesma. Melhoraria em um minuto. Não havia motivo para pânico.

Porém, mesmo sem baixar o pé, ela sabia que tentava se enganar. Era uma distensão grave. Talvez pior que isso: não conseguiria andar.

E então o pânico chegou, apesar de seu esforço para permanecer calma. Como poderia voltar ao vilarejo? Ninguém sabia onde ela estava. Tanto a praia lá embaixo quanto o promontório acima estavam desertos.

Gwen respirou fundo algumas vezes, para se acalmar. Perder a cabeça não ajudaria em nada. Conseguiria dar um jeito. Claro que sim. Não tinha escolha, tinha?

Foi naquele momento que ouviu uma voz – uma voz masculina. Tão próxima que o tom nem fora elevado.

– Na minha opinião – disse a voz –, esse tornozelo sofreu uma torção séria ou está quebrado. De um jeito ou de outro, não seria nada prudente apoiar-se nele.

Gwen levantou a cabeça e olhou em volta, tentando localizar a origem da voz. Um homem surgiu à sua direita, na face íngreme do penhasco junto à encosta. Ele desceu até os seixos e caminhou na direção dela como se não houvesse o menor risco de escorregar.

Era muito alto, com ombros e tronco largos, coxas poderosas. Usava um sobretudo grosso que lhe dava uma aparência ainda mais robusta. Parecia ameaçadoramente grande. Não usava chapéu. O cabelo castanho era bem rente à cabeça. Os traços eram fortes e brutos, com olhos negros vorazes, lábios estreitos e mandíbula tensa. Sua expressão não amenizava

em nada a aparência. Estava franzindo a testa – ou talvez com uma expressão ameaçadora.

As mãos, sem luvas, eram imensas.

Gwen foi tomada por tanto terror que se esqueceu da dor por um instante.

Aquele devia ser o duque de Stanbrook. Ela devia ter entrado em sua propriedade, embora Vera tivesse lhe avisado para se manter a uma boa distância tanto do homem quanto de suas terras. Segundo Vera, o duque era um monstro cruel que anos antes empurrara a mulher do alto de um penhasco e alegara que ela havia se jogado. *Que tipo de mulher saltaria para a morte?*, alegara Vera. *Ainda mais uma duquesa, que tinha tudo o que quisesse no mundo.*

O tipo de mulher, pensara Gwen na ocasião, embora não tivesse dito nada, *que acabara de perder o único filho, alvejado em Portugal.* Pois fora exatamente o que ocorrera pouco antes da morte da duquesa. Mas Vera e suas vizinhas preferiam acreditar na teoria do assassinato, tão mais interessante, ainda que nenhuma delas pudesse apresentar evidências que a sustentassem.

Embora Gwen tivesse sido cética ao ouvir a história, já não tinha tanta certeza. Ele *parecia* um homem que poderia ser impiedoso e cruel. Talvez até um assassino.

E ela invadira suas terras. Suas terras *desertas*.

E não tinha como fugir.



A chuva parara de cair durante a noite. Depois do café da manhã, Hugo caminhara sozinho até a praia arenosa sob Penderris. Os amigos tinham insistido para que fosse até ali. Flavian lhe dissera para levar a futura noiva quando voltasse, de modo que pudessem conhecê-la e decidir se a aprovavam.

Todos riram bastante às suas custas.

Hugo praguejara contra Flavian, mandando-o para certo lugar, porém tivera que se desculpar em seguida, por ter usado aquele linguajar de soldados perto de Imogen.

A praia sempre fora seu lugar favorito na propriedade. Nos primeiros dias de sua estadia, o mar com frequência lhe trazia conforto quando tudo

o mais não conseguia. E, na maioria das vezes – como naquele momento –, ia até lá desacompanhado. Apesar da proximidade e da camaradagem entre os sete integrantes do Clube dos Sobreviventes enquanto se recuperavam e convalesciam, eles não costumavam passar o tempo todo grudados. Pelo contrário, a maioria dos fantasmas que ainda os assombrava precisava ser enfrentada e exorcizada na solidão. Uma das grandes vantagens de Penderis era oferecer espaço mais do que suficiente para todos.

Ele se recuperara de suas feridas até onde fora possível.

Se fosse contar as bênçãos recebidas, Hugo precisaria de pelo menos todos os dedos das mãos. Sobrevivera à guerra. Fora promovido a major como tanto ansiara e, como bônus pelo resultado de sua última missão, ganhara um título. No ano anterior, herdara uma imensa fortuna e um negócio lucrativo. Tinha uma família – tios, tias e primos – que o amava, embora ele a tivesse deixado de lado por muitos anos. Mais importante, havia Constance, sua meia-irmã de 19 anos, que o adorava mesmo sendo só uma criança quando ele partira para a guerra. Era dono de uma residência no interior, onde encontrava toda a privacidade e a paz que poderia desejar. Tinha os seis companheiros do Clube dos Sobreviventes, que às vezes lhe pareciam mais íntimos do que seu próprio coração. Possuía uma saúde de ferro, talvez perfeita. E a lista prosseguia.

Contudo, sempre que enumerava essa lista de bênçãos, ela se tornava uma faca de dois gumes. Por que era tão afortunado enquanto tantos outros haviam morrido? E a pergunta mais importante: seria sua ambição implacável a *causa* de tantas dessas mortes, e não apenas o motivo de seu sucesso e das recompensas que excediam em muito suas expectativas? O tenente Carstairs diria que sim, sem pestanejar.

Não havia mulheres razoavelmente bem-apegoadas passeando pela praia, nem mulheres mal-apegoadas, para falar a verdade. Teria que inventar algumas – e criar histórias sobre o encontro com elas – para divertir os amigos na volta. Talvez acrescentasse uma ou duas sereias. Mas não estava com pressa de retornar, apesar de ser um dia frio e com um vento um tanto implacável.

Ao regressar ao trecho da praia coberto de seixos e ao pé da antiga depressão na face do penhasco que dava acesso ao cabo e ao parque de Penderis, Hugo parou por alguns instantes e contemplou o mar enquanto o vento batia em seu cabelo curto e deixava dormentes as pontas de suas

orelhas. Não levava chapéu. Não havia necessidade, uma vez que passaria mais tempo correndo atrás dele do que usando-o.

Pegou-se pensando no pai. Era inevitável, concluiu, já que se tratava do primeiro aniversário de sua morte.

A culpa acompanhou os pensamentos. Quando garoto, adorava o pai e o seguia por toda parte, até no trabalho, principalmente depois da morte da mãe em consequência de alguma doença feminina quando ele tinha 7 anos – nunca lhe explicaram qual fora a enfermidade. O pai o descrevia como seu herdeiro e braço direito. Outros o chamavam de sombra do pai. Então viera o segundo casamento, quando Hugo estava na complicada idade de 13 anos. Ele ficara ressentido. Ainda era jovem o bastante para se estarrecer com a ideia de que o pai sequer *pensasse* em substituir a mãe, uma figura tão central em suas vidas, tão fundamental para a felicidade, insubstituível. Ele se tornara indócil e rebelde, e decidira estabelecer sua própria personalidade e independência.

Agora via que o pai não o amara menos – nem desonorara a memória de sua mãe – apenas por se casar com uma jovem bonita e exigente, que logo dera ao pai uma filha para amar. Mas garotos daquela idade nem sempre conseguem enxergar o mundo de forma racional. Prova disso era que ele, Hugo, adorara Constance desde o momento em que ela nascera – quando esperavam que ele a odiasse ou ficasse mais ressentido.

Ele enfrentava uma etapa típica da idade, que teria sido ultrapassada com danos mínimos a todos os envolvidos se não acontecesse algo para desequilibrar a balança. Mas houvera algo mais e a balança pendera irreversivelmente antes que ele chegasse aos 18 anos.

Então, de forma bastante repentina, ele decidira ser soldado. Nada o dissuadia, nem o argumento de que ele não se adaptaria a uma vida tão dura. Pelo contrário, isso reforçava sua obstinação e o deixava mais determinado a ter sucesso. Apesar de triste e decepcionado, o pai por fim comprara para o único filho um posto na infantaria, mas deixara claro que seria seu único investimento. Hugo teria que dar conta de tudo a partir dali. Precisaria ganhar patentes por mérito, não como presente de um pai rico, como acontecia à maioria dos oficiais. O pai de Hugo sempre desprezara a elite, que vivia no privilégio e no ócio.

Ele obtivera suas promoções por esforço próprio. Na verdade, até *gostara* de não contar com a ajuda de ninguém. Perseguira a carreira esco-

lhida com energia, determinação, entusiasmo e ambição para alcançar o topo. E teria alcançado se menos de um mês depois de seu maior triunfo não se seguisse sua maior humilhação e ele não houvesse acabado ali, em Penderris.

O pai continuara a amá-lo durante todo o tempo, porém Hugo lhe dera as costas, quase como se fosse ele o culpado por seus infortúnios. Talvez Hugo sentisse vergonha. Ou talvez o motivo fosse a simples impossibilidade de voltar para casa.

E como o pai reagira? Deixando-lhe quase tudo, quando poderia muito bem ter beneficiado Fiona ou Constance. Confiara no filho para manter seus negócios e um dia passá-los ao próprio filho. Acreditara também que ele se certificaria de que Constance tivesse um futuro estável e feliz. Devia ter desconfiado de que tal tranquilidade poderia ser ameaçada caso fosse entregue aos cuidados exclusivos de Fiona. Hugo era agora guardião da irmã.

Seu ano de luto chegara ao fim e, com ele, as desculpas para sua inércia.

Hugo parou na metade da subida da encosta. Ainda não estava pronto para voltar. Deixou a encosta e subiu um pequeno trecho do penhasco ao lado, até alcançar uma saliência plana que descobrira anos antes na rocha. Era protegida de quase todo vento e, embora não oferecesse uma vista para a faixa de areia mais a oeste, permitia ver a face do penhasco oposto, a praia de seixos e o mar. Era uma paisagem quase sem vida, dura, mas com uma beleza própria. Duas gaivotas passaram guinchando, voando na altura de seus olhos.

Ele relaxaria por algum tempo naquele lugar antes de procurar a companhia dos amigos.

Pegou alguns seixos e jogou um na praia, que caiu descrevendo um grande arco. Ouviu-o chegar ao solo e quicar uma vez. Mas seus dedos ficaram imóveis segurando a segunda pedra quando ele captou um vislumbre de cor com o canto dos olhos.

O penhasco do outro lado da encosta coberta de seixos ficava mais perto do mar. A maré o alcançava antes de atingir aquele outro, onde Hugo se encontrava. Havia um caminho que contornava a base até o vilarejo, um percurso de uns 2 quilômetros que podia ser traiçoeiro para quem não estivesse atento à aproximação da maré.

Alguém caminhava pelo trecho coberto de seixos – uma mulher com uma capa vermelha. Surgira contornando o cabo, embora ainda estivesse um tan-

to distante. A cabeça estava abaixada e coberta pelo gorro. A mulher parecia concentrada. Parou e olhou para o mar. A maré ainda estava um tanto distante, sem risco iminente. Se a mulher vinha do vilarejo, no entanto, não deveria tardar a retornar. O único caminho alternativo seria acima do cabo, mas para isso precisaria invadir as terras de Penderris.

Como se lesse seus pensamentos, ela olhou na direção do topo da encosta íngreme coberta de seixos. Por sorte não o viu. Ele estava na sombra e permaneceu imóvel. Não queria ser visto. Desejou que ela se virasse e tomasse o caminho de volta.

No entanto, ela não deu meia-volta. Em vez disso, seguiu na direção da encosta e começou a subi-la com dificuldade, a capa e a aba do gorro agitando-se ao vento. A mulher parecia pequena e jovem. Era impossível dizer *quão jovem*, pois não conseguia ver seu rosto. Pelo mesmo motivo, não havia como saber se era bonita, feia ou só comum.

Os amigos fariam troça dele durante uma semana se descobrissem, pensou Hugo. Ele se imaginou saltando de seu posto, caminhando decidido em direção à mulher, informando-a sobre seu título e sua imensa fortuna e perguntando se gostaria de se casar com ele.

Embora não fosse um pensamento particularmente divertido, teve que se conter para não soltar uma risada que denunciaria sua presença.

Permaneceu parado, na esperança de que ela fosse embora. Não gostara de ter seu momento de solidão interrompido por uma desconhecida, uma invasora. Acreditava que algo assim nunca tivesse lhe acontecido. Poucas pessoas de fora da propriedade iam para aqueles lados. O duque de Stanbrook era temido. A morte da duquesa fizera com que se espalhassem boatos de que ele a teria empurrado do penhasco de onde ela se atirara. Histórias assim não desapareciam com facilidade, ainda que não houvesse nenhuma evidência para sustentá-las. Mesmo aqueles que não chegavam a temer o duque o tratavam com cautela. Os modos contidos e austeros de Stanbrook não ajudavam a dissipar as suspeitas.

Talvez a mulher de vermelho não fosse dali. Talvez não percebesse que seguia direto para o covil do lobo.

Hugo se perguntou por que ela estaria sozinha naquele cenário tão desolador.

As pedras soltas na subida cediam sob os pés da mulher. Ele sabia por experiência própria que não era uma escalada fácil. E então, justo no instante

em que parecia que ela chegaria em segurança e sem vê-lo, o pé direito dela provocou uma pequena avalanche de pedras. Ela caiu desajeitada sobre um joelho e as mãos, com a perna direita estendida para trás. Por um momento, ele vislumbrou a perna dela entre o cano curto da bota e a bainha da capa.

Ouviu um grito de dor.

Esperou. Não queria revelar sua presença. No entanto, logo ficou claro que ela machucara de verdade o pé ou o tornozelo e que não conseguiria se levantar e seguir caminho. Era *jovem*, ele percebeu. E pequena e esguia. Sob a aba do gorro, fios louros dançavam ao vento. Ele ainda não vira seu rosto.

Seria uma grosseria permanecer em silêncio.

– Na minha opinião – disse ele –, esse tornozelo sofreu uma torção séria ou está quebrado. De um jeito ou de outro, não seria nada prudente apoiar-se nele.

Ela ergueu a cabeça na direção de Hugo enquanto ele descia até o caminho de seixos e se aproximava dela. Seus olhos se arregalaram de um modo que demonstrava medo, não alívio diante do socorro. Grandes olhos azuis em um rosto de beleza intrigante, embora ela não fosse mais uma menina. Calculou que tivesse quase a sua idade, 33 anos.

Ficou irritado. Odiava quando as pessoas tinham medo dele. Acontecia com certa frequência. Até entre os homens. Mas principalmente entre as mulheres.

Talvez pudesse ter lhe ocorrido que sua expressão ameaçadora não era a mais apropriada para inspirar confiança, ainda mais estando sozinho ali com a mulher. Mas essa ideia não lhe veio à mente.

Do alto de sua grande estatura, ele a encarou.

CONHEÇA OUTROS LIVROS DE MARY BALOGH

OS BEDWYNS

Ligeiramente perigosos

Ligeiramente pecaminosos

Ligeiramente seduzidos

Ligeiramente escandalosos

Ligeiramente maliciosos

Ligeiramente casados

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro, visite o nosso site. Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

